

**ORAÇÃO PROFERIDA NA CERIMÓNIA PÚBLICA DE
INAUGURAÇÃO DA
RUA DR. FRANCISCO SALGADO ZENHA, EM COIMBRA
(11 de Setembro de 2004)**

1. - As minhas primeiras palavras são para agradecer à Senhora D. Maria Irene Salgado Zenha o ter sugerido o meu nome para intervir nesta homenagem ao seu marido. É uma honra para mim. É mais uma gentileza que fico a dever-lhe.

Quero agradecer também à Câmara Municipal de Coimbra o ter aceite a escolha da Senhora D. Maria Irene para ser eu a recordar o Dr. Francisco Salgado Zenha no momento em que se coloca uma placa com o seu nome numa rua de Coimbra.

2. - Tive o privilégio de ter conhecido e de ter trabalhado, na minha juventude (já lá vão 40 anos) com Francisco Salgado Zenha, em convívio diário no seu escritório de advogado durante mais de dois anos. Como todos os que o conheceram, fiquei seu amigo e seu admirador. Para o jovem que eu era então, este convívio não se limitou ao exercício da advocacia: ajudou-me a compreender melhor o mundo à minha volta e a cimentar a minha cidadania. Fiquei a dever-lhe para sempre o muito que aprendi com o advogado de eleição que ele foi, e nunca esquecerei a confiança que em mim depositou ao convidar-me para ficar com ele a exercer a advocacia.

Conheci Salgado Zenha através de um Amigo comum, o Dr. Mário Canotilho, que nesta cidade de Coimbra conheceu o Xico Zenha, dele se fez amigo, com ele comungou dos mesmos ideais democráticos e com ele partilhou responsabilidades na luta organizada contra o fascismo. Ambos pagaram por isso nas prisões salazaristas. Creio que o Dr. Salgado Zenha ficará contente por eu trazer a esta cerimónia o seu Amigo Mário Canotilho. É ainda, da minha parte, uma maneira de o homenagear, recordando-os e honrando-os a ambos com respeitoso carinho.

3. - Não vou falar das minhas relações com Francisco Salgado Zenha, que retomei, anos mais tarde, quando ambos participámos nos Governos que se seguiram à Revolução de Abril. E sei que não me é fácil dizer aqui coisas novas sobre a sua personalidade, tão conhecida ela é de todos os presentes, ainda por cima depois de ter ouvido o elogio que

dele fizeram há anos, na Universidade do Minho, o Dr. Miguel Galvão Teles, e, na minha Faculdade de Direito de Coimbra, o Doutor Eduardo Paz Ferreira.

Começarei por dizer dele o que ele disse, no dia do seu 70º aniversário, dos seus amigos já desaparecidos: "A sua melhor mensagem foi a sua vida". Uma vida exemplar, como o são as vidas daqueles que, como ele, ajudam a forjar a nossa consciência moral e dão sentido à nossa vida colectiva, impedindo que ela não seja uma pura sucessão de combates individuais.

O conhecimento pessoal permite-me dizer aqui quanto apreciei as suas qualidades de inteligência, a sua competência profissional, a finura do seu raciocínio, a lucidez da sua análise, a sua sólida cultura humanista e, acima de tudo, a sua inteireza de carácter, o seu temperamento tolerante, a sua honestidade e coragem intelectual.

4. - Esta é uma homenagem da cidade de Coimbra a Francisco Salgado Zenha. Justifica-se, por isso, que sublinhe o facto de ter sido nesta cidade que o jovem Xico Zenha anunciou o que viria a ser o jurista, o cidadão, o homem de cultura, o estadista de primeiro plano.

Na nossa Faculdade de Direito, Francisco Zenha foi um estudante que chamou a atenção pela sua inteligência, pela sua cultura, pela sua capacidade crítica, pela sua maturidade, pela sua coragem intelectual.

Foi, por isso, com muita emoção e muita alegria que, enquanto Presidente do Conselho Directivo da Faculdade, ajudei a concretizar a iniciativa da Senhora D. Maria Irene Salgado Zenha de instituir, junto da FDUC, a Fundação Francisco Salgado Zenha, criada em 15 de Março de 1999. Entre outros objectivos, a Fundação atribui todos os anos o Prémio Dr. Francisco Salgado Zenha, para galardoar o melhor trabalho de um aluno sobre direitos, liberdades e garantias, direitos do homem ou direito humanitário.

Tal representa, para a FDUC e para a UC, uma grande honra e uma grande responsabilidade. **Uma grande honra**, por nos ter sido cometida a tarefa de administrar a Fundação instituída para perpetuar a memória de um antigo aluno, um daqueles que, fora da Universidade, mais prestigiou o nome da sua Escola. **Uma grande responsabilidade**, porque não é fácil estar à altura de alguém que foi um estudante distinto; um dirigente associativo lúcido, corajoso, influente e respeitado; que foi um dos advogados mais brilhantes da sua geração; que foi um cidadão exemplar e um destacado militante contra o fascismo, pela liberdade e pela democracia; que foi um homem de estado cujos ideais sempre estiveram ao serviço do povo português; que foi uma das

figuras marcantes da segunda metade do século XX português.

5. - Em 13.12.1944, uma lista encabeçada pelo estudante de Direito Francisco Salgado Zenha foi eleita em Assembleia Magna para a Direcção-Geral da AAC, sendo Zenha o Presidente. Após homologação ministerial (22.12.44), a tomada de posse aconteceu em 13.1.45. O Presidente pediu-me que recordasse aqui todos membros dessa Direcção-Geral, alguns felizmente ainda vivos. São estes os seus nomes: Francisco de Almeida Salgado Zenha (Presidente); Francisco Barrigas de Carvalho (Vice-Presidente); Joaquim Rosado Carmelo Rosa (Secretário); Armando Elmino Pinto d'Abreu (Tesoureiro); Vogais: Manuel Camões Costa, Augusto Amorim Afonso, Aurélio Reis e Arquimedes da Silva Santos.

Passados cinco meses de exercício activo e muito empenhado, a DG/AAC foi demitida (29.3.45), porque, no dia 18.5.45, a Assembleia Magna decidiu que a DG não se fizesse representar, no dia seguinte, na cerimónia de homenagem a Salazar.

Após a demissão, a Assembleia Magna aprovou uma moção em que negava a confiança a quaisquer comissões administrativas que viessem a ser nomeadas para a AAC, à margem do livre voto da Academia. Pouco depois, a DG apresentaria o Relatório da sua actividade à frente da AAC, Relatório que viria ser apreendido pela PIDE.

Na tomada de posse da nova comissão administrativa nomeada pelo governo, o Reitor de então caracterizou os estudantes da DG demitida como "um misto de garotos malcriados e de sinistros agentes subversivos", na síntese de Zenha, e fez um relato de vários acontecimentos que, na óptica de Salgado Zenha, faltava à verdade em vários pontos.

Pois bem. Zenha respondeu ao Reitor, na primeira pessoa, em um texto justamente famoso de "Reposição de Factos". Este texto é um retrato, em corpo inteiro, de FSZ. Nele se afirma a sua forte capacidade argumentativa, mas, sobretudo, a sua grandeza de carácter e a sua enorme coragem moral. Sem nunca o dizer expressamente, o "aluno quase desconhecido" (assim se qualifica a si próprio) vem mostrar que "o Reitor prestigiado e laureado" (assim qualifica ele o Reitor) faltou à verdade.

Perante certas afirmações do Reitor, Zenha diz que ele deve fundamentá-las. "Caso negativo - escreve Zenha - é uma difamação. De qualquer modo - conclui - aos tribunais comuns é que compete a resolução destes casos".

O Reitor acusou Zenha de representar "uma pequena minoria", menos interessada em "satisfazer legítimas aspirações da Academia do que em criar descontentes e

revoltados". O jovem Zenha intima então o consagrado Reitor a dar a palavra a **toda** a Academia, para que **todos os estudantes** e não qualquer minoria elegeisse a DG/AAC!

Na parte final do seu libelo acusatório, Zenha escreve a certa altura: "Temos consciência dos nossos deveres. Não queremos condescendências. Não nos sentimos réus. Pelo contrário". E à afirmação do Reitor de que "não basta que Maria seja honesta, é preciso que também o pareça", Zenha dá esta resposta adulta e certa: "Embora me interesse a opinião alheia, preocupo-me mais com a minha consciência, porque senão arriscar-me-ia a não ser nem a parecê-lo".

Numa síntese que diz tudo, Zenha escreve, dirigindo-se ao Reitor: "V. Ex^a teve uma comenda, eu fui demitido". Como quem diz: cada um recebe do poder fascista aquilo a que tem direito!

Não admira que, quando Francisco Zenha foi preso pela PIDE, a Academia tenha desencadeado um forte movimento de solidariedade com o seu Presidente e de protesto contra a sua prisão arbitrária. A Assembleia Magna decretou **Luto Académico**, com a bandeira da AAC a meia haste na respectiva sede, o que se fez, apesar das tentativas em contrário de estudantes fascistas, que, em panfleto anónimo, acusaram Zenha de ser "um agitador comunista", capaz de vender a própria Pátria...

Não admira, por isso, que, há uns anos atrás, a Academia de Coimbra tenha querido homenagear este Presidente, dando o seu nome ao Anfiteatro existente na Sede da AAC.

6. - Durante os anos de chumbo do fascismo, Salgado Zenha exerceu com excepcional competência e dignidade a sua profissão de advogado. Como cidadão, militou no PCP, participou nos movimentos de unidade democrática contra a ditadura, defendeu presos políticos nos tribunais da Pide, desenvolveu actividades legais e clandestinas na luta antifascista, foi depois fundador da ASP e do PS. Conheceu várias vezes a prisão e a residência fixa.

Após a Revolução de Abril, foi alto dirigente do PS, foi deputado, foi ministro, foi membro do Conselho da Europa, foi candidato à Presidência da República.

Creio que poderemos concordar com Jorge Sampaio quando pôs em relevo que as áreas fundamentais em que foi mais marcante a influência de Zenha terão sido: as relações entre o estado e a igreja; a liberdade sindical; a defesa da descentralização e a exigência de uma Administração Pública aberta e transparente.

Para além das convergências ou divergências de cada um de nós com as suas ideias e com a sua acção, creio que todos concordaremos em que Francisco Salgado Zenha foi

sempre um Homem de convicções e de causas, que lutou por elas com toda a sua força intelectual e moral, mas nunca se deixou enredar na politiquice barata, nos mesquinhos jogos de interesses, ao estilo dos que estão na política para se servirem dela, para se projectarem na história e não para servir o povo.

Salgado Zenha foi político por imperativo de consciência e a sua integridade moral valeu-lhe a ingratidão, a hostilidade, a perseguição e até a difamação.

No entanto, pouco tempo antes da sua morte, Salgado Zenha disse aos seus amigos, com toda a serenidade de quem sabia que o seu fim estava próximo, apesar de os ouvintes o não saberem: “Pela parte que me toca, sei que a vida foi boa para mim”.

E sublinhou a sua obrigação e a de todos nós de “darmos a nossa contribuição para que os que nos seguirem tenham consciência de que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para lhes deixar um mundo melhor do que aquele em que vivemos”.

Creio que todos temos consciência clara de que Francisco Salgado Zenha cumpriu plenamente esta sua obrigação. Assim saibamos nós cumprir a nossa, neste tempo em que a política tanto carece de ideais e o País e o mundo tanto carecem de homens e mulheres que acreditam em que vale a pena lutar para *transformar o mundo*.